



VIOLÊNCIA DE GÊNERO NAS RELAÇÕES LÉSBICAS
GENDER VIOLENCE IN LESBIAN RELATIONSHIPS
VIOLENCIA DE GÉNERO EN RELACIONES LÉSBICAS

*Bruna Rochelle Calado Dantas¹, Kerle Dayana Tavares de Lucena², Layza de Souza Chaves Deininger³,
Cristiane Garrido de Andrade⁴ Alisson Cleiton Cunha Monteiro⁵*

RESUMO

Objetivo: compreender o conceito da violência de gênero nas relações lésbicas e em seu contexto laboral. **Método:** estudo exploratório, descritivo, com abordagem qualitativa, envolvendo um universo de seis mulheres participantes do Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis (LGBT) municipal de João Pessoa/PB, Brasil. Os dados foram produzidos por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado. Os discursos foram codificados e tratados mediante a Técnica de análise do discurso. **Resultados:** a violência de gênero permeia todas as relações, introjetada no cotidiano dessas mulheres que, muitas vezes, não compreendem o conceito dessa violência, dificultando o seu enfrentamento. **Conclusão:** as lésbicas ainda permanecem na invisibilidade, e a homossexualidade é conceituada como uma barreira a ser quebrada, ainda é uma temática que atravessa inúmeros preconceitos e este fato precisa ser amplamente discutido no intuito de diminuir as discriminações. **Descritores:** Violência Contra Mulher; Identidade de Gênero; Saúde Pública.

ABSTRACT

Objective: understand the concept of gender violence in lesbian relationships and in their work context. **Method:** exploratory, descriptive study, with qualitative approach, involving a universe of six women participants of the Lesbian, Gay, Bisexual and Transsexual Movement (LGBT) in the city of João Pessoa/PB, Brazil. The data was produced by semi structured interviews. The speeches were coded and processed by the discourse analysis technique. **Results:** gender violence permeates all relationships, entrenched in the daily lives of those women who often do not understand the concept of such violence, making it difficult to cope. **Conclusion:** lesbians remain invisible, and homosexuality is conceptualized as a barrier to be broken, for it is still a theme that runs through many prejudices and this fact needs to be widely discussed in order to reduce discrimination. **Descriptors:** Violence Against Women; Gender Identity; Public Health.

RESUMEN

Objetivo: comprender el concepto de violencia de género en las relaciones lésbicas y en su contexto de trabajo. **Método:** estudio exploratorio, descriptivo, con enfoque cualitativo, con la participación de un universo de seis mujeres integrantes del movimiento de Lesbianas, Gay, Bisexuales y Transexuales (LGBT) de la ciudad de João Pessoa/PB, Brasil. Los datos fueron producidos por entrevistas semi-estructuradas. Los discursos fueron codificados y procesados por la técnica de análisis del discurso. **Resultados:** la violencia de género impregna todas las relaciones, arraigadas en la vida cotidiana de estas mujeres que a menudo no entienden el concepto de este tipo de violencia, por lo que es difícil de enfrentar. **Conclusión:** las lesbianas permanecen invisibles, y la homosexualidad se conceptualiza como una barrera para ser rota, siendo un tema que corre a través de muchos prejuicios y este hecho debe ser ampliamente discutido con el fin de reducir la discriminación. **Descriptores:** Violencia Contra la Mujer; La Identidad de Género; Salud Pública.

¹Enfermeira (egressa), Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba/FCM. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: bruna_rochelle@hotmail.com;

²Enfermeira, Professora Doutora em Modelos de Decisão em Saúde, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas/UNCISAL. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: kerledayana@gmail.com; ³Enfermeira, Doutoranda em Modelos de Decisão e Saúde, Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: layzasousa12@hotmail.com;

⁴Enfermeira e Fonoaudióloga, Doutoranda em Enfermagem UFPB, professora da faculdade de Ciências Médicas da Paraíba/FCM. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: cristianegarrido@gmail.com;

⁵Fisioterapeuta, Professora Especialista em Terapia Intensiva, Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba/FCM. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: alissoncleiton@gmail.com

INTRODUÇÃO

A violência, de maneira geral, afeta a vida da população por ser um fenômeno social e histórico, apresentando diferentes formas e conteúdos nas diversas culturas e sociedades, influenciando nos juízos éticos de cada uma delas. Nessa perspectiva, tal fenômeno pode apresentar-se de diferentes formas: violência física, psicológica, econômica, sexual, violência de trabalho, entre outras. Pela sua complexidade, a violência muitas vezes é invisível e os mecanismos para dar visibilidade à mesma ainda são insuficientes. Todavia, os serviços podem contribuir no acolhimento dessas vítimas em uma abordagem multidisciplinar, intersetorial, com ênfase no empoderamento das pessoas vítimas de qualquer tipo de violência.¹

É importante destacar a violência de gênero, considerada um problema de saúde pública por afetar a saúde das mulheres. Entende-se por violência de gênero: que seja de suma importância analisar o contexto histórico que foi tecido e se perpetua até os dias atuais, este sistema de poder desigual vem desde os primórdios onde a mulher está sempre subordinada a uma instância masculina e diferenças biológicas a colocam com ser frágil passível de ser dominado, sendo tratada como um produto, nesta ótica a violência de gênero é um fenômeno que acontece e é alicerçado por esses preceitos históricos.²

É visível que a violência de gênero contra as mulheres tem ocorrido diariamente e provoca consequências na saúde das mulheres, impactando-as. Esse tipo de violência ocorre independente de raça, cor, classe social, ou religião. A violência de gênero vem deixando de se camuflar nos dias de hoje, e adquirindo mais visibilidade graças às políticas públicas e os movimentos feministas, que denunciam estas práticas, deixando assim elas mais compreensíveis a sociedade.

A violência de gênero contra as mulheres lésbicas, muitas vezes, é dirigida a qualquer mulher que ouse criticar ou assumir uma posição diferente do que a sociedade machista espera. Uma das piores faces são as ameaças, difamações e xingamentos que diariamente podem ser encontrados em comentários na internet, dirigidos às mulheres lésbicas. A violência doméstica no Brasil, principalmente entre lésbicas, é pouco documentada e não há um banco de dados que dê visibilidade ao fenômeno no segmento supracitado.

Vale ressaltar a dificuldade de realizar um levantamento destes dados, primeiramente porque não existem dados confiáveis sobre o número da população homossexual e também a crença de que este tipo de violência só aconteça entre casais heterossexuais, onde o homem é sempre o agressor.³

Assim como as mulheres heterossexuais tendem a negar a existência da agressão, as mulheres lésbicas também agem dessa maneira. Elas raramente procuram ajuda por receio da revelação de sua sexualidade e situação. Desta forma, evitam procurar ajuda policial, psicológica, legal ou médica por medo do preconceito e discriminação. Apesar da seriedade do problema, o preconceito faz com que as vítimas homossexuais não tenham acesso aos programas de apoio que necessitam para saírem destes relacionamentos. Sem campanhas de informação adequadas e imagens positivas de relacionamentos homossexuais, aliados ao silêncio da sociedade, em discutir a temática, muitas vítimas acabam por não reconhecer seus relacionamentos como agressivos e não buscam ajuda devida.

A homofobia possui um caráter multifacetado, que abrange muito mais do que as violências tipificadas pelo código penal. Ela não se reduz à rejeição irracional ou ódio em relação aos homossexuais, pois também é uma manifestação arbitrária que qualifica o outro como contrário, inferior ou anormal. Devido à sua diferença, esse outro é alijado de sua humanidade, dignidade e personalidade. As violações dos direitos humanos relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero, que vitimam fundamentalmente a população LGBT, constituem um padrão que envolve diferentes espécies de abusos e discriminações e costumam ser agravadas por outras formas de violências, ódio e exclusão, baseadas em aspectos como idade, religião, raça/cor, deficiência e situação socioeconômica. Essa superposição de vitimizações exacerba a vulnerabilidade de grupos sociais, cuja discriminação é intensificada quanto ao racismo, sexismo, pobreza ou credo agrega-se orientação sexual e/ou identidade de gênero estigmatizadas.⁴

No Brasil, a violência contra a mulher é um dos maiores problemas de saúde pública, atingindo um quarto da população. Quanto ao Estado da Paraíba, dados sobre as causas de óbitos de mulheres em idade fértil (10-49 anos) revelaram os seguintes números, incluindo suicídios, homicídios e lesões intencionais indeterminadas, no ano de 1999: 34 casos no universo de 944 óbitos; no ano

2000: 47 casos no universo de 984 óbitos; no ano de 2001: 52 casos no universo de 1.049 óbitos; e no ano de 2002: 56 casos no universo de 1.081 óbitos. Os dados de notificação da violência doméstica contra a mulher, no Estado da Paraíba e no Município de João Pessoa, não estão organizados em um banco de dados. Entre os anos de 2002 a 2005 foram registradas 2.836 ocorrências de violência doméstica contra mulheres, na delegacia especializada de atendimento a mulher.¹

Presume-se que as mulheres desconhecem que sofrem violência de gênero, considerando a desigualdade de gênero sofrida ao longo da história. No caso das mulheres lésbicas, o fenômeno se agrava diante da invisibilidade aliada a lesbofobia. Assim, o estudo justifica-se por buscar ampliar o debate acerca da temática e se propor a discutir a concepção das mulheres acerca da violência sofrida.

OBJETIVO

- Compreender a violência de gênero nas relações lésbicas.

MÉTODO

O estudo é um recorte de uma pesquisa de doutorado, intitulada “Violência Doméstica contra a mulher e Qualidade de Vida”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Modelos de Decisão e Saúde, da Universidade Federal da Paraíba.

Estudo exploratório, descritivo, com abordagem qualitativa, envolvendo um universo de seis mulheres participantes do Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis (LGBT) municipal do município de João Pessoa/PB.

Os dados foram produzidos no mês de outubro de 2015, por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado. Teve como critérios de inclusão: ser lésbica, ter acima de 18 anos, ter companheira, aceitar participar do estudo. O primeiro momento consistiu em transcrever as entrevistas, enquanto no segundo momento foram feitas as identificações de temas e/ou figuras nos discursos das entrevistadas sobre as questões elaboradas. As entrevistas foram identificadas pela letra “L”, seguidas de números de 1 a 6 (L1, L2, L3[...] L6), correspondente à quantidade de mulheres entrevistadas, com o objetivo de manter o sigilo e anonimato das participantes.

O material produzido pelas entrevistas foi codificado e tratado, mediante uma técnica na qual se entende que o texto é um todo organizado de sentido, e num determinado universo de significação. O sentido do texto é

dados tanto por sua estrutura interna, que são as regras gramaticais, quanto pelo contexto histórico do momento no qual foi produzido.⁵ Analisar o discurso está relacionado a compreender e assimilar da melhor forma possível as vivências que esses seres humanos produzem, percebendo seus valores, ou seja, o significado que eles atribuem a sua realidade naquele momento.

O presente estudo foi realizado conforme os princípios éticos em pesquisa e a respectiva Resolução nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto de pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 20418813.0.0000.5183). No processo de análise e discussão, buscou-se relacionar o material empírico produzido à literatura pertinente.

RESULTADOS

Foram entrevistadas mulheres na faixa etária de 20 anos a 23 anos, com grau de escolaridade, em sua maioria, superior incompleto. Cinco das seis mulheres relatam já ter sofrido violência. Após análise dos depoimentos concedidos possibilitou-se a elaboração das seguintes subcategorias:

- ♦ Compreensão da violência de gênero por mulheres lésbicas.
- ♦ O preconceito introjetado nas relações de gênero.
- **Compreensão da violência de gênero por mulheres lésbicas**

A violência é naturalizada e muitas vezes, as mulheres não consideram o fenômeno como agravo. Porém, nota-se um avanço na compreensão e conceituação da violência de gênero, antigamente não percebida pela maioria das mulheres. Os depoimentos a seguir relatam como as lésbicas conceituam a violência de gênero:

É sobre, tipo, um preconceito por ser homem ou mulher, mas pra mim só existe isso com mulheres. L [3]

Eu acredito que violência de gênero é todo tipo de violência que a mulher sofre porque é mulher, eu não acredito que homens sofram dessa violência. Homens não são mortos por serem homens, não sofrem estupros, isso acontece apenas com mulheres. L [5]

É quando você sofre qualquer discriminação, violência física ou psicológica que esteja relacionada ao seu gênero, a quem você é, ou seja, se eu sou mulher eu sofro violência e opressão na sociedade de diversas formas. L [6]

Apesar dos avanços das discussões acerca da violência de gênero, ainda há falta de conhecimento por parte das mulheres em

Dantas BRC, Lucena KDT de, Deininger LSC et al.

Violência de gênero nas relações lésbicas.

compreender e conceituar o fenômeno, conforme revelam os depoimentos a seguir:

Sei lá, acho que venha ser todo o tipo de violência que a lésbica venha a sofrer, sei lá acho que é isso. L [1]

Eu entendo que seja todo tipo de violência sofrida de que forma for, sei lá, estou chutando. Pra ser sincera, nunca ouvi falar de sobre violência de gênero. L [2]

Os depoimentos acima demonstram o desconhecimento das mulheres acerca da violência de gênero.

No depoimento abaixo, está retratado o estigma que vem de muitos anos, inserido na sociedade e sobre o seu dia a dia, onde a entrevistada encara de forma naturalizada a existência da violência de gênero:

Olha, daria pra escrever um livro (risos). Há[...] é tudo aquilo que a gente passa por ser mulher basicamente, é a resposta mais clara que eu posso te dar. L [4]

● **Preconceito introjetado nas relações de gênero**

Corroborando com isto, os depoimentos a seguir retratam o que mais as incomodam quando frequentam os serviços de saúde:

Não são muito bons os serviços de saúde quando voltados ao público LGBT, principalmente para as lésbicas. Eles não têm nenhuma referência direta quando se fala de sexo lésbico, a gente é muito desmerecida, não há incentivo a proteção do sexo entre duas mulheres, eles não investem nisso, não há campanhas do governo que foquem nisso, é bem precária a saúde para a mulher lésbica. L [6]

Não são bons, no geral. Geralmente as pessoas não estão preparadas para lidar com lésbicas. Eu fui a psicóloga e ela já foi me perguntando pelos NAMORADINHOS (risos), então é complicado. L[4]

Nessa ótica, apesar dos avanços no que diz respeito à violência contra a mulher, a problemática, ainda não tem sido tratada da maneira correta, devido ao retrocesso de algumas pessoas. Como citou uma das entrevistadas:

Já tive problemas no psicólogo e no ginecologista, e é difícil por que a gente tem que sair do armário quando vai ser atendida, por que as pessoas nunca supõem que a gente possa ser lésbica, isso às vezes da um pouco de vergonha. L [6]

Bem como foi retratado nas entrevistas acima, existe o descaso e a falta de informação dos profissionais de saúde quando se deparam com mulheres lésbicas nos seus consultórios.

Os depoimentos a seguir retratam a violência sofrida por algumas dessas

entrevistadas, pelo simples fato de serem lésbicas:

Eu já sofri uma tentativa de estupro corretivo praticada pelo meu primo, me disse coisas horríveis tipo “você nunca gostou de homem porque nunca experimentou” então ele quis me forçar achando que assim eu ia gostar. L[4]

[...] Outro acontecimento foi vindo do meu padrasto que chegou a me bater, e me dizer que eu não sabia como era bom homem, e dizendo que eu era safada por ser lésbica. [...] L [4]

Já sofri violência psicológica de achar que a culpa é sempre minha, coisas em que eu sou vítima, achar que são por minha culpa. L [5]

[...] já sofri violência no meu primeiro relacionamento com a minha ex. Já sofri um estupro, não daqueles característicos, mais com objetos. L[6]

DISCUSSÃO

Sabe-se que a violência de gênero se mantém ao longo da historia, por muitas civilizações, e essa desigualdade tem como sua extrema forma de manifestação a violência contra a mulher. Constituindo assim um fenômeno social, influenciando desta maneira no modo de viver, adoecer e morrer das mulheres que são vítimas dessa violência.⁶

Não existe um banco de dados confiáveis que possam dar visibilidade à violência de gênero contra as lésbicas. Não há dados demográficos oficiais sobre a população homossexual, o que faz com que qualquer informação seja necessariamente incompleta ou falha em algum aspecto.⁷ A violência de gênero é um importante agravado que vem sendo amplamente discutido pelos movimentos feministas, suas reivindicações e sua luta por igualdade de gênero está tomando o cenário nacional.

Para o entendimento da violência de gênero, é de suma importância analisar o contexto histórico que foi tecido e se perpetua até os dias atuais. Este sistema de poder desigual vem desde os primórdios, onde a mulher está sempre subordinada a uma instância masculina. Diferenças sociais a colocam como um ser frágil, passível de ser dominado, sendo tratada como um produto, e nesta ótica a violência de gênero é um fenômeno que acontece e é alicerçado por esses preceitos históricos.²

A violência de gênero é um agravante que tem crescido na América Latina, passando a ser um problema de Estado, através de denúncias de suas vítimas e familiares, que são vindas das organizações femininas que militam em favor dos direitos dos seres humanos, junto ao grande número de

pesquisas científicas, que se colocam contra a invisibilidade por parte dos governantes, devido aos seus preconceitos machistas e da imprensa. E tendo em vista estudos feministas sobre violência de gênero, eles consideram a violência de gênero como um pilar, em especial, do patriarcado, correlacionado a posição de dominação do homem.⁸

Tratando de violência de gênero, as abordagens demonstram e sintetizam a grande desigualdade entre homens e mulheres, que perpetuam dentro de suas próprias casas, até o meio público, esses valores foram construídos historicamente onde o poder do homem domina em detrimento aos direitos das mulheres. Com isso, muitas culturas ainda tratam as mulheres com as normas e crenças que perpetuam a violência contra a mulher.⁹

A violência que se instalou sobre a mulher trouxe imensuráveis consequências para elas, tanto no aspecto físico, como no psicológico, deixando bem claro as consequências de anos de desigualdade entre os sexos masculino e feminino, além de afetar de grande maneira o potencial dessas mulheres no campo, afetivo, social e econômico.¹

Quando se trata da disseminação da violência independente da classe social, faixa etária, da raça e cor, nos dá visibilidade que só quem comete violência são as pessoas de má fé, desumanas, e de má índole, sendo que isto está bem distante de ser uma verdade nos dias atuais, pois a visão do que é certo e do que é errado, vindo dos papéis sexuais impostos pela sociedade, contribuem para um número maior de pessoas com preconceitos, tornando a violência contra essas mulheres banalizada, não só nas suas relações pessoais, como na sociedade.¹⁰

Essa discussão fomenta mais debates para veicular informação para as mulheres, políticas públicas eficazes, campanhas publicitárias com abordagem de gênero e dialogar com elas sobre a emancipação de gênero. É preciso uma atenção maior dos governantes quanto a isso, e que não se deixe impune, pois essas mulheres merecem atenção informação e respeito.

E no que diz respeito à lei de número 11.340/2006, a Lei Maria da Penha vem causando nos últimos anos uma visibilidade maior no que diz respeito à violência contra a mulher. Muitos países já declaram ilegalidade da violência contra as mulheres, um dos seus maiores ganhos foi o rompimento do silêncio e o despertar da sociedade, em questões que antes eram tão comuns, como brigas em ambientes públicos ou privados, que diminuíram e passaram a serem vistas como

crime, sendo assim, um problema relacionado à saúde pública.

Gênero tem sido o termo utilizado para abordar, de forma teórica, a questão da diferença sexual e dos papéis que destinam as mulheres e aos homens na sociedade. Falar de gênero indica as condições das mulheres, que não são impostas pela natureza, biologia, e o sexo, mas tudo aquilo que engloba as relações sociais.⁹

No âmbito da saúde, é de suma importância que os profissionais de saúde tenham sensibilidade e estejam capacitados para perceber os sinais de violência, com um olhar humanizado para casos como os de violência sofrida, seja ela verbal, psicológica, ou física, e não ver apenas como uma lesão. É preciso que sejam realizadas ações de saúde, alertando a população sobre casos de violência. O enfrentamento dessas questões envolve todos os setores da saúde, e necessita do envolvimento de todos os profissionais, para que se resolva de maneira mais eficaz possível, e se previna novos casos.⁹

Nessa ótica, apesar dos avanços no que diz respeito à violência contra a mulher, a problemática, ainda não tem sido tratada da maneira correta, devido ao retrocesso de algumas pessoas, que ainda vivem com velhos preconceitos e estereótipos sociais, ficando assim no descaso os efeitos dessa violência sobre a saúde.⁹

Não basta fundamentar a necessidade de se atender às demandas de saúde das diferentes orientações sexuais que não sejam de caráter heterossexual. É preciso que exista acesso aos serviços de saúde, com qualidade e sem preconceitos para as mulheres lésbicas e bissexuais. É necessário ainda, que se desconstrua a subordinação das mulheres nos mais diversos grupos societários, bem como na perspectiva da exclusão das lésbicas e de mulheres bissexuais, combatendo as invisibilidades institucionais que as acometem e as deixam vulneráveis.¹¹

A discussão que implica acerca da violência de gênero, ganha cada vez mais visibilidade, mas apesar disso, ainda não faz com que elas se sintam seguras no que diz respeito à violência. A mídia vem mostrando e dialogando sobre o tema, porém não é o suficiente para que elas se sintam seguras a denunciar quem as agride.

Entre as características que mais se recorrem para conceituar a violência de gênero, encontram-se: o emprego da força física (dimensão biológica), a submissão e a opressão (dimensão psicológica e sociológica). Nessa perspectiva, a violência de gênero como

Dantas BRC, Lucena KDT de, Deininger LSC et al.

Violência de gênero nas relações lésbicas.

a aplicação de uma força física e/ou constrangimento psicológico que se impõe a alguém contra seus interesses, vontades e desejos podendo causar-lhe danos à saúde física e mental pela violação da dignidade humana em sua integridade.¹²

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada¹³, no Brasil, durante o período de 2001 a 2011, estima-se que ocorreram mais de 50 mil mortes de mulheres em razão da sua orientação sexual, o que equivale a, aproximadamente, 5.000 mortes por ano. Diante disto, grande parte destes óbitos foram ocasionados a partir da violência doméstica e familiar contra a mulher, uma vez que aproximadamente um terço deles tiveram o domicílio como local de ocorrência.

É importante que seja consolidada a publicitação anual dos dados de homofobia no Brasil, que seja criado um painel de indicadores relacionados ao respeito à população LGBT por Estado, que a homofobia seja criminalizada nos mesmos termos em que foi criminalizado o racismo.⁴

A violência contra a mulher afeta a integridade biopsicossocial delas e que é preciso e se ressalte a necessidade de qualificação e sensibilização dos profissionais de saúde, para saber tratar e conduzir com um olhar mais sensível, as diversas situações e procurando auxiliar com mais eficácia as vítimas.¹⁴

Diante disto, se faz necessário trabalhar na ampliação de denúncias sobre violências homofóbicas, com campanhas publicitárias em todas as unidades da federação, criando novos canais de fluxo de dados sobre violência homofóbica, entre Estados que possuem essas estruturas com o governo federal, e criar mais visibilidade nos que já existem, consolidar informações sobre identidade de gênero e orientação sexual em outros canais de denúncias. Garantir que crimes com indícios de homofobia sejam discriminados em Boletins de Ocorrência, e que esses dados sejam consolidados e disponibilizados anualmente pelas Secretarias de Segurança Pública.

Nesse contexto, é importante destacar que a violência de gênero ainda representa um retrocesso social, pois a sociedade é marcada por altos índices dela, distanciando-se assim de um futuro melhor para as mulheres, especialmente as lésbicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres ficaram receosas ao falar dos abusos e violências que sofrem, porém poucas delas têm consciência deste fato, e o medo

acaba privando-as de denunciar e se manifestar para que isso mude.

As mulheres sofrem todos os dias com a violência, com as desigualdades e pela não conscientização da sociedade ainda arcaica, dessa forma, acaba ficando impune o violentador, gerando mais medo, insegurança e revolta por parte delas. As mulheres vítimas de violência não possuem o suporte adequado dos profissionais da saúde, que muitas vezes, observam apenas a ferida aparente e não a subjetividade das mulheres vitimizadas.

As lésbicas ainda permanecem na invisibilidade, e a homossexualidade é conceituada como uma barreira a ser quebrada, visto que se trata de uma temática que atravessa inúmeros preconceitos e discriminações. Ressalta-se a necessidade de mais artigos científicos que abordem a questão da violência de gênero com essas mulheres, que não querem nada mais do que ser aceitas e respeitadas pelo que são, e principalmente pela sua orientação sexual. Assim, é importante que se quebrem os tabus, debatam sobre o tema, visto que o país é democrático e livre, todos merecem ser respeitados como são.

REFERÊNCIAS

1. Lucena KDT, Silva ATMC, Morais RN, Silva CC, Bezerra IMP. Análise espacial da violência doméstica contra a mulher entre os anos de 2002 e 2005 em João Pessoa, Paraíba, Brasil. Cad Saúde Pública [Internet]. 2012 [cited 2015 Dec 5];28(6):1111-1121. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v28n6/10.pdf>.
2. Guedes R N, Fonseca R M G S. A autonomia como necessidade estruturante para o enfrentamento da violência de gênero. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2011 [cited 2015 Dec 1];5(2):1731-5. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342011000800016&script=sci_arttext
3. Avena DT. A Violência doméstica nas relações lésbicas: realidades e mitos. Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política [Internet]. 2010 [cited 2015 Nov 20];7:99-107. Available from: <http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/3907>
4. Brasil. Ministério da Saúde. Relatório sobre violência homofóbica no Brasil. Brasília; 2012.
5. Fiorin JL. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática; 2006.
6. Guedes R N, Silva A T M C, Fonseca R M G S. A violência de gênero e o processo saúde-doença das mulheres. Esc Anna Nery [Internet]. 2009 [cited 2014 Dec 9];13(3):625-31. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452009000300024&script=sci_arttext

7. Nunan A. Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo. Ed Caravansaraí: Rio de Janeiro; 2003.

8. Almeida TMC. Corpo feminino e violência de gênero: fenômeno persistente e atualizado em escala mundial. Soc Estado [Internet]. 2014 [Cited 2016 Nov 20];29(2):329-40. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922014000200002&script=sci_arttext

9. Silva AP, Pereira CK, Santos CSS, Netto OAM, Santos SMR, Santos LG. A violência contra a mulher no âmbito familiar: estudo teórico sobre a questão de gênero. Rev Eletronic Enferm Global [Internet]. 2012[Cited 2015 Dec 23];11(26):260-6. Available from: www.scielo.isciii.es/pdf/eg/v11n26/pt_reflexiones2.pdf

10. Vieira LB, Padoin SMM, Souza IEO. Perspectivas para o cuidado de enfermagem às mulheres que denunciam a violência vivida. Esc Anna Nery [Internet]. 2011 [cited 2015 Dec 12];15(4):678-85. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452011000400004

11. Valadão RC, Gomes R. A homossexualidade feminina no campo da saúde: da invisibilidade à violência. Physis [Internet]. 2011[Cited 2015 Nov 30];21(4):1451-67. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312011000400015

12. Santos SF, Lucena KDT, Deininger LSC, Coelho HFC, Soares MESM, Vianna RPT. Desvelando a compreensão das mulheres acerca da violência doméstica. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2015 Recife [Cited 2015 Dec 19]; 9(10):321-7. Available from: www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/.../13187

13. Brasil. Ministério da Saúde. Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Brasília: Ministério da saúde; 2013.

14. Moura M A V, Albuquerque Netto L, Leite F M C, Lima F R S, Teixeira S V B. Mulheres que denunciam violência de gênero em uma Unidade de Polícia Pacificadora. Rev Eletr Enferm [Internet]. 2013 [cited 2014 Nov 30];15(3):628-37. Available from: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/20286>

Submissão: 22/12/2015

Aceito: 10/09/2016

Publicado: 01/11/2016

Correspondência

Layza de Souza Chaves Deininger

Bel. Irenaldo de Albuquerque Chaves, 201

Bairro Aeroclube-

CEP 58036-460 — João Pessoa (PB), Brasil